

P. CARLOS RADEMAKER

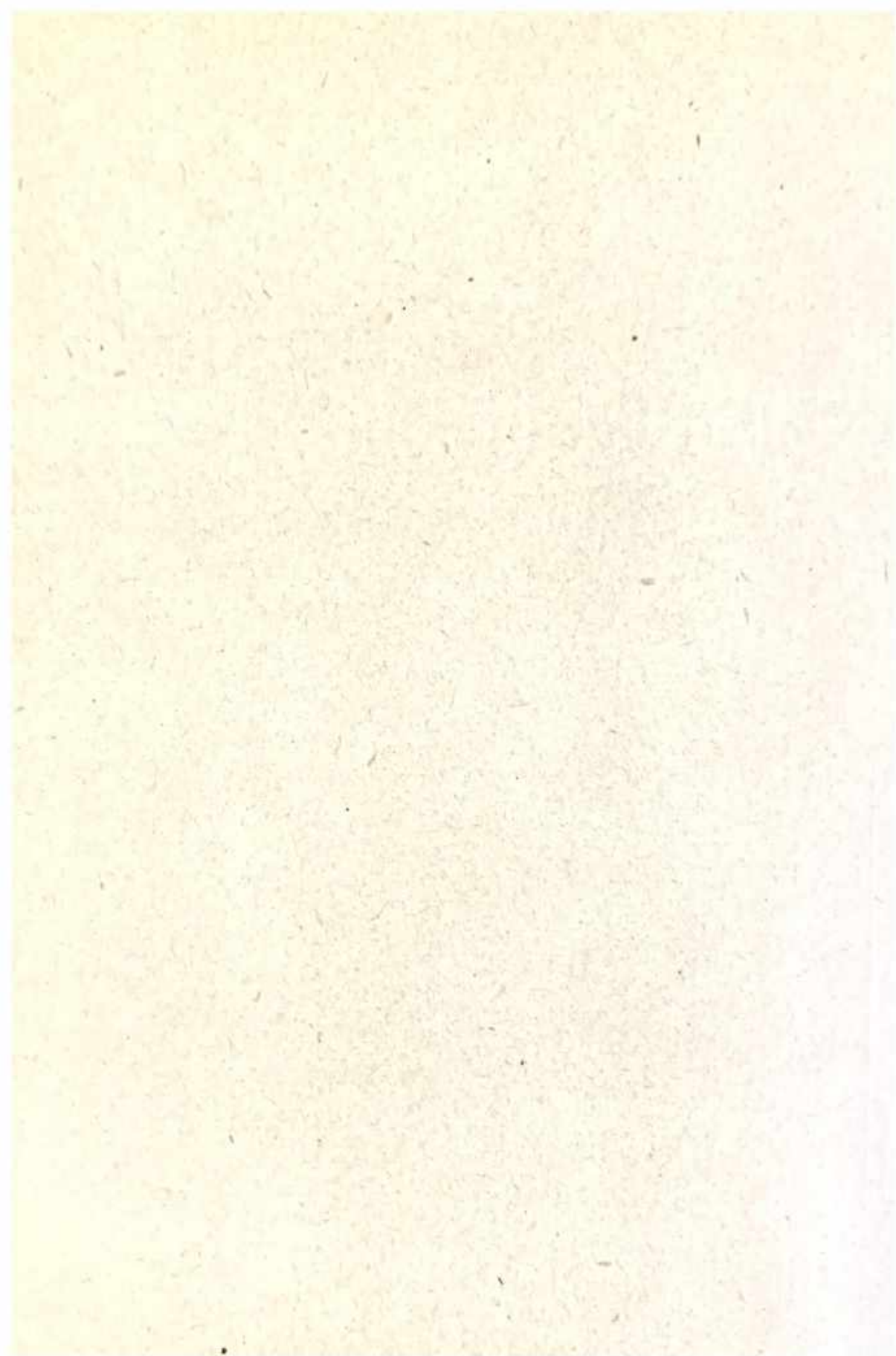
Vinte e cinco por cento!

AOS CEM DISPARATES DOS PROTESTANTES,
VINTE E CINCO RESPOSTAS SEM RÉPLICA,
POR UM QUE LEU A BÍBLIA

6.^a edição — 25.^o milhar

REVISTA BROTÉRIA
Caixa Postal, 364 — LISBOA

1951



P. CARLOS RADEMAKER

Vinte e cinco por cento!

AOS CEM DISPARATES DOS PROTESTANTES,
VINTE E CINCO RESPOSTAS SEM RÉPLICA,
POR UM QUE LEU A BÍBLIA

Manuel Barateiro

6.^a edição - 25.^o milhar

Revista BROTÉRIA

Caixa Postal, 364 — LISBOA

1951

IMPRIMI POTEST.

Olisipone, die 6 Aprilis 1951.

Julius Marinho, S. J.

Praep. Prov. Lusit.

IMPRIMATUR.

Olisipone, 7 Aprilis 1951.

† *Emmanuel, Episc. Prienensis.*

TIPOGRAFIA PORTO MÉDICO, L.^{DA}
Praça da Batalha, 12 - A — PORTO

VINTE E CINCO POR CENTO!

AOS CEM DISPARATES DOS PROTESTANTES,
VINTE E CINCO RESPOSTAS SEM RÉPLICA,
POR UM QUE LEU A BÍBLIA

I. — Contra que coisa protestam os protestantes?

Nem eles tão pouco o sabem.

Dizem que basta ler a Bíblia para saber tudo o que é de fé, e negam muitas verdades que nela mesma se encontram. Os católicos, além de crerem em todas as verdades da Bíblia, crêem também na tradição da Igreja, porque na mesma Bíblia lêem que « *muitas coisas há, ditas por Jesus Cristo, que não estão escritas neste livro* » (S. JOÃO, 21, 25); porque sabem que o divino Redentor não disse aos apóstolos « *ide e escrevei* », mas « *ide e ensinai* » (S. MAT., 28, 19); e que, se o único fundamento da fé fosse o que está escrito, muitíssimos fiéis não poderiam ter fé, por não saberem ler, o que é absurdo. Portanto, os protestantes, com a Bíblia na mão, começam por protestar contra a Bíblia, contra eles mesmos, e contra os seus princípios.

II. — Se a Bíblia é um livro inspirado e divino, porque proíbem os católicos se leia a Bíblia?

Sim, senhores, a Bíblia é um livro inspirado e divino; mas *que se segue daí?* Que são *infalíveis* também todos os que a lêem? Pretendê-lo, é um absurdo. Pode ler-se sem a compreender: pode-se

dar um sentido falso e torcido às suas palavras. Além disto, para termos a certeza de que não nos enganamos, é necessário tê-la de que não foram adulterados os livros sagrados.

Ora, as edições dos protestantes não são todas uniformes: em algumas, faltam até sete livros inteiros do Antigo Testamento, e vários capítulos de outros; em outras, omitiram-se oito livros do Novo Testamento, apresentando-nos também uma multidão de versículos truncados ou mal traduzidos; de tal sorte que o próprio protestante Zwinglio chamava a Lutero um corruptor das Sagradas Escrituras.

Há maior impostura do que colocar nas mãos do simples povo livros tão falsificados com o nome pomposo e sagrado de Bíblia?

É justamente por isto que os católicos não aceitam *essas* Bíblias, porque são um engano: respeitam e aconselham que se leia a Bíblia, quando está aprovada pela Igreja, porque neste caso sabem que é a palavra de Deus e não impostura dos homens.

III. — Os livros que os protestantes tiram à Bíblia não eram canónicos, isto é, autênticos e inspirados

Outra impostura: e quem disse aos protestantes quais eram os livros canónicos, ou não canónicos? Isso supõe que há um cânon dos livros divinos, e esse cânon por alguém foi feito. Logo têm os protestantes de recorrer ao *princípio da autoridade* ou à *tradição*.

Como, pois, protestam eles contra a tradição? Ou esta é fonte segura de revelação divina ou não é:

se o é, porque não a admitem? Se não é, como pretendem eles saber quais são os livros canónicos?

Desejariamos muito saber como os protestantes se saem deste dilema.

IV. — Os protestantes protestam contra as doutrinas católicas que se não acham na Bíblia

Não me dirão, porém, quais são as doutrinas católicas que não tenham o seu fundamento na Bíblia? Será o dogma da confissão sacramental? O da Eucaristia? A indissolubilidade do matrimónio? O culto dos Santos e de Maria Santíssima? A existência do purgatório? A supremacia e infalibilidade do Papa? O valor das indulgências? O sacramento da Extrema-Unção? Ou serão coisas meramente disciplinares, como o celibato eclesiástico, a profissão religiosa, os emolumentos do clero por vários actos do culto?

Expliquem-se, porque estamos dispostos a responder-lhes, ponto por ponto; só exigimos que, se eles se julgam com direito a interpretar a Bíblia a seu bel-prazer, não *protestem* também contra o *senso comum*, e não enganem o pobre povo, dizendo-lhe que não há na Bíblia o que nela se acha em letra redonda.

V. — Na Bíblia não se fala de confissão sacramental

Não, deveras? Estão os protestantes bem certos disso?

Pois se eles tanto cacarejam de a saberem ler, devem achar que Jesus Cristo disse aos seus apóstolos: *aqueles aos quais perdoardes os pecados, ser-lhes-ão*

perdoados; aqueles aos quais os retiverdes, ser-lhes-ão retidos (S. JOÃO, 20, 23). Raciocinem, agora.

Está claro que se fala aqui de pecados que os apóstolos perdoariam e de outros que reteriam. Ficavam, pois, os apóstolos, por disposição de Jesus Cristo, constituídos juizes de quando deveriam perdoar ou não.

Mas o juiz, para pronunciar a sentença, deve conhecer a causa acerca da qual julga: logo, os apóstolos deviam *conhecer os pecados* acerca dos quais deviam julgar; e visto que os não podiam conhecer, sem que o pecador os declarasse, está claro que era absolutamente necessária a confissão.

Porém, perguntaremos agora: veio Jesus Cristo ao mundo para se poderem salvar sòmente os pecadores do seu tempo, ou do tempo dos apóstolos? Ficariam os homens impecáveis, desde aquele tempo por diante? Não por certo.

Logo o poder de perdoar não devia acabar na Igreja com o último apóstolo: essa jurisdição devia perpetuar-se *na mesma forma*, comunicando-se a seus sucessores. Eis aqui o dogma católico da confissão sacramental, e eis como os protestantes, ao negá-lo, protestam contra a Bíblia e contra o senso comum.

VI. — Os protestantes não se confessam aos homens, mas confessam-se a Deus

Muito bem, enquanto a confessar-se a Deus. Nós os católicos fazemos o mesmo e dizemos: «Eu pecador me confesso a Deus todo poderoso», etc. Mas, como nos confessamos para alcançar o perdão dos nossos pecados, manifestamos as nossas culpas àque-

les homens, que Jesus Cristo, na Bíblia (S. JOÃO, 20, 23), instituiu juizes, para perdoarem em seu nome.

Os protestantes, confessando-se a Deus, nunca poderão saber, se Deus lhes perdoou ou não, a não ser que o próprio Deus, ou um Anjo venha dizer-lho; pois, enquanto ao julgar, se sua contrição foi perfeita ou não, como é coisa inteiramente subjectiva, sempre serão juizes na causa própria, e por conseguinte suspeitos.

Nós os católicos, sim; tendo consciência de que detestamos o pecado e ouvindo a sentença de absolvição, que sobre nós pronuncia o sacerdote em nome de Deus, e por sua ordem, obtemos a consolação de saber que nossos pecados foram perdoados, porque a absolvição nos foi concedida *em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo*, e sabemos muito bem que não é o confessor que nos perdoa, senão Deus, por meio dele, porque *ninguém senão Deus pode perdoar os pecados* (S. MARC., 2, 7, e S. LUC., 5, 21). Nós não procedemos como os protestantes, não protestamos contra a palavra de Jesus Cristo; cremos nela.

**VII. — Pelo menos, não acharam os católicos
na Bíblia a doutrina da presença real
de Jesus Cristo na Eucaristia**

É, precisamente, de todos os dogmas católicos o mais *bíblico*. Tinha Jesus Cristo preparado os seus discípulos para a revelação desse sublime mistério, com os estupendos milagres da multiplicação dos pães, e de caminhar pelas águas sem se afogar, quando lhes disse aquelas sempre memoráveis palavras: *Não foi Moisés quem vos deu o VERDADEIRO*

pão do céu, mas meu Pai vos dará do céu o pão verdadeiro. O PÃO do céu É AQUELE QUE VEM DO CÉU, E DÁ A VIDA AO MUNDO (S. JOÃO, 6, 32 e 33). O povo ignorante e grosseiro, não entendendo este mistério, dizia: Dá-nos sempre desse pão (Ibid., 34), e Jesus Cristo respondia-lhes: Eu sou o pão da vida (Ibid., 35). Mas logo lhes explicou mais claramente esse mistério, ajuntando: este é o pão que desce do céu, para que aquele que dele comer não morra (Ibid., 50). EU SOU O PÃO VIVO que desce do céu, (Ibid., 51). O PÃO QUE VOS DAREI É A MINHA CARNE (Ibid., 52).

Todavia, os judeus, apesar de tudo isto, não atinavam com este adorável mistério e perguntavam: *Como pode este dar-nos sua carne a comer? (Ibid., 53), e Jesus para lhes fazer ver que falava no sentido literal e não no figurado, como pretendem os protestantes, respondeu-lhes: Em verdade, em verdade vos digo (e notem os protestantes esta duplicada afirmação, que toma o carácter de juramento), se não COMERDES A CARNE DO FILHO DO HOMEM e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós (Ibid., 54); a minha carne é VERDADEIRA COMIDA e o meu sangue VERDADEIRA BEBIDA (Ibid., 56). E para que não pudesse restar dúvida, de que, desde o princípio até ao fim do seu discurso, sempre tinha falado no sentido natural, e não no figurado, concluiu a sua prática, como a tinha principiado, dizendo: Assim como meu Pai, que vive, me enviou e eu vivo por ele, assim também o que comer a minha carne viverá por mim. ESTE É O PÃO QUE DESCEU DO CÉU. Não, como o maná que comeram vossos pais e morreram. Aquele que comer este pão viverá eternamente (Ibid., 58, 59).*

E é de notar que tão claras eram as palavras de

Jesus Cristo, que alguns dos que o seguiam chegaram a escandalizar-se e disseram: *Cruel palavra é esta, e quem poderá ouvi-la?* (*Ibid.*, 61). Porém Jesus, para os confirmar na fé, e para lhes tirar todo o pretexto de dúvida, trouxe-lhes à memória a profecia da sua futura ascensão ao céu, como prova peremptória da sua divindade dizendo-lhes: *Pois que direis, se virdes o filho do homem subir ao lugar em que antes estava?* (*Ibid.*, 63).

E, sem embargo, já desde esse tempo houve alguns, aos quais esse mistério desagradou, porque *voltaram atrás, e já não andavam com Ele depois* (*Ibid.*, 67), justamente o mesmo que fazem hoje os protestantes; mas nós, os católicos, ficámos com os apóstolos aos quais perguntou logo Jesus Cristo, *se também o queriam deixar* (*Ibid.*, 68). S. Pedro, o apóstolo destinado a ser, mais tarde, o Vigário de Jesus Cristo na terra, respondeu formalmente em nome de todos, e em nosso: *Aonde iremos, Senhor, se tuas palavras são de vida eterna? Nós acreditamos que tu és o Cristo Filho de Deus* (isto é, incapaz de enganar-se e de enganar a ninguém) (*Ibid.* 69). E o que o Divino Redentor prometeu, nessa ocasião, a seus discípulos, sabemos, pela mesma Bíblia, que o cumpriu à risca, porque, além do que referem acerca da instituição do Santíssimo Sacramento os evangelistas S. MATEUS, (26, 26-27 e 28), S. MARCOS, (14, 22-25) e S. LUCAS, (22, 15-20), S. PAULO, disse claramente: « Isto recebi eu do Senhor, e isto vos ensino, que o Senhor Jesus, na noite em que o entregaram, tomando o Pão, deu graças, partiu-o e disse: *tomai e comei: isto é o meu corpo, que por vós será entregue; fazei isto em memória de mim* » (I Cor. 11, 23, 24).

Nas quais palavras, nós católicos achamos duas cousas: a primeira, que Jesus Cristo tomou em suas mãos o pão e o distribuiu pelos apóstolos, dizendo manifestamente que aquele era o seu corpo, deixando por conseguinte de existir ali a substância de pão, para converter-se na substância do seu corpo adorável, que é o que chamamos a «transubstanciação»; a segunda, que pelo imperativo — *fazei isto* — mandou expressamente o mesmo Jesus Cristo a seus discípulos, que repetissem, daí por diante, o mesmo que ele fizera, isto é, que lhes conferiu o poder de operar essa mesma transubstanciação. E é tão certo, que desta e não de outra se devem entender aquelas palavras, que o próprio S. Paulo tirou delas esta consequência: «logo os que comem indignamente esse pão, comem a sua própria condenação, por não terem no devido apreço o corpo do Senhor».

Que bem fariam os protestantes, se, em vez de apregoar tanto a Bíblia, aprendessem a lê-la com alguma humildade e fé, e não protestassem contra o que ela diz tão claramente!

VIII. — Foram os Papas, os que inventaram a missa?

Valha-me Deus! Saberão os protestantes ler a Bíblia, que trazem sempre debaixo do braço? Que é a missa, segundo os católicos? O sacrifício da nova lei, em que se consagra o pão e o vinho, convertendo-os no corpo e sangue de Jesus Cristo, isto é, fazendo o mesmo que o Senhor fez, mandando a seus discípulos que o fizessem, quando lhes disse: *fazei isto*. Logo, não foram os Papas, que inventaram a missa, mas foi

Jesus Cristo que a instituiu : a não ser que os protestantes queiram protestar contra S. Paulo, contra a Bíblia, e contra o próprio Jesus Cristo.

Os Papas não fizeram mais que determinar certas cerimónias, que acompanhassem esse acto, sem acrescentar nem diminuir nada à sua essência.

Podiam eles fazê-lo ? Por certo que sim, porque eram sucessores de S. Pedro, a quem Jesus Cristo encarregou de governar a sua Igreja.

Do qual facto resulta, claramente, outro absurdo, que pregam os protestantes, isto é, que na Igreja de Deus não existe, hoje em dia, sacerdócio, absurdo que pretendem sustentar com as palavras de S. Paulo aos Hebreus. Pois que é um homem, que tem do próprio Deus a faculdade de consagrar o pão e o vinho, convertendo-os no corpo e sangue de Jesus Cristo, com ordem expressa de oferecer esse sacrifício em *memória dele* ; um homem, que tem por ordem positiva de ensinar a todas as gentes ; um homem, que tem o poder de perdoar os pecados em nome de Deus, senão um sacerdote, e sacerdote com verdadeiro carácter de missão divina ?

Os ministros, pastores, evangelistas e pregadores protestantes, esses sim que não têm carácter sacerdotal, porque, por confissão própria, não se julgam com direito de consagrar, absolver, nem oferecer sacrifício, de donde resulta também, que os protestantes não podem dizer, com verdade, que tenham *um culto*, porque culto sem sacrifício nem sacerdócio não é culto, antes a negação de todo o culto : sendo por aí manifesto o absurdo dos que pretendem ter, entre nós, *liberdade para o seu culto*. Esta liberdade, pedem-na para um culto que não existe.

**IX. — Donde tiram os católicos, na Bíblia,
que o matrimónio não é dissolúvel
à vontade dos contraentes ?**

E donde tiram os protestantes que o seu Henrique VIII podia casar-se com quantas mulheres lhe aprouve ?

Mas, sem embargo, a dissolubilidade do matrimónio não é coisa que a queiram indistintamente todas as inumeráveis seitas protestantes (todas querem ter razão, apesar de se contradizerem reciprocamente, nisto como em tudo mais). Mas, como algumas reputam lícito o divórcio, bom é, que vejamos na Bíblia, bem explicita, a lei da indissolubilidade do matrimónio.

Interrogado Jesus Cristo pelos Saduceus, se era lícito repudiar a mulher, replicou-lhes: *O que Deus juntou, o homem não o separará* (S. MAT., 19, 6). Moisés, pela dureza do coração do povo hebreu, para cortar maiores males, havia permitido o divórcio; *no princípio* (isto é, na lei natural), *não havia sido, porém, assim, e por isso o homem deve permanecer com sua mulher* (S. MAT., 19, 5). Como indica o Génesis (2, 24), *serão dois numa só carne*.

O mesmo disse, depois, S. Paulo: *Aos que são casados mando, não eu, senão o Senhor, que a mulher não se aparte do marido, e que este não deixe sua esposa* (1 Cor., 7, 10).

Leiam, pois, os protestantes a Bíblia e vejam se podem harmonizá-la com o seu Henrique VIII, de adúltera memória.

**X. — E não será idolatria, proibida pela Bíblia,
a dos católicos adorarem os Santos
e a Mãe de Jesus ?**

E será, acaso, ofensa a alguém mostrar respeito aos seus amigos ? Nós católicos não *adoramos* os Santos nem a Santíssima Virgem : *veneramo-los* como amigos de Deus e invocamo-los, porque lemos na Bíblia que S. João viu no céu vinte e quatro anciãos, que levavam nas mãos vasos de ouro, cheios de perfumes, que são as orações dos santos (Apoc., 5, 8). Abraão e Josué não reverenciaram os Anjos ? (Gén., 18, 2 ; JOS., 5, 13). Varões justos, como Job e S. Estêvão, não intercederam pelos vivos (Act., 8, 60 ; Rom., 15, 30, 1 Tess., 5, 25 ; S. TIAG., 5, 16) e os apóstolos não aprovaram tal intercessão ? Não diz a Bíblia, que Jeremias intercede por nós no céu ? (2 Mac., 15, 14).

Enquanto ao culto da Virgem, Maria Santíssima, basta que digamos aos protestantes, que tão pouco *a adoramos*, senão que *a veneramos*, porque seria afronta para seu Filho não *a venerarmos*.

Invocamo-la, porque, se as orações dos santos são como *perfume*, diante de Deus, muito mais devem sê-lo as de sua Mãe Santíssima. Saudou-a cheia de graça o Anjo Gabriel (S. LUC., 1, 28) ; não a poderemos saudar nós ? Saudou-a Isabel, *bem dita entre todas as mulheres* (S. LUC., 1, 42) ; não o poderemos fazer também nós ? Deu-no-la Cristo por Mãe, na pessoa de João (S. JOÃO, 19, 27) ; não a poderemos tratar como tal ? Demasiado estreito é o laço de sangue entre Jesus e sua Mãe, para que os católicos, pelo amor que devem a *Ele*, não a venerem, não a invoquem, e não a amem a *Ela*, e demasiado odioso é para o demónio o nome

de *Jesus*, para que os protestantes possam tolerar, que se dê culto a *Maria*.

XI. — Mas não será idolatria venerar as relíquias dos Santos ?

A Bíblia queixa-se de que os gentios profanaram as relíquias dos santos, que foram servos de Deus, e disse: *Os gentios têm posto os restos mortais dos teus servos para pasto das aves do céu, e as carnes dos santos para o das feras* (Ps. 78, 2). *Derrama, Senhor, a tua ira sobre os gentios* (JER., 10, 25). O manto de Elias dividiu as águas do Jordão (4 Reis, 2, 14); o cadáver de Eliseu ressuscitou um morto (4 Reis, 13, 21); a sombra de Pedro sarava enfermos (Act., 5, 15); os lenços de Paulo curavam doentes (Act., 19, 12). Se Deus operou tais maravilhas pelas relíquias dos seus, não será lícito ter em estima essas relíquias ? E queriam os protestantes que não honrássemos as relíquias dos Santos ! Que lógica tão admirável ! Para não sermos idólatras, deveríamos fazer o que a Bíblia repreende nos gentios ?

XII. — E não está expressamente proibido por Deus, na Bíblia, o fazer estátuas e venerá-las ?

Enquanto a imagens, o que lemos na Bíblia é que Deus proíbe, no Êxodo (20, 4), no Deuteronomio (4, 16; 5, 8) e nos Salmos (96, 7), o fazer estátuas para adorá-las, como explica o Levítico (26, 1), e por isso pede David que « sejam confundidos os que ADO- RAM esculturas » (Ps. 96, 7); porém, o fazer imagens e venerá-las, como emblemas de coisas ou pessoas

santas, não só o permitiu, mas até o mandou Deus na mesma Bíblia, algumas vezes, como por exemplo : quando ordenou que colocassem dois Querubins de ouro sobre a Arca (Êxod. 37, 7) e quando mandou pôr a serpente de bronze no meio do campo dos Israelitas (Núm., 21, 9). O que proibiu, pois, foi que se fizessem *esculturas idolátricas para adorá-las*. Mas os católicos adoram, acaso, as imagens de Jesus Cristo, de Maria Santíssima ou dos Santos? Um menino da escola sabe, entre nós, que as imagens *não se adoram*. Nós católicos *veneramo-las* pelo que representam ; e os protestantes, que por isso nos acusam, não sabem o que dizem.

XIII. — A Bíblia fala do paraíso e do inferno, mas não fala do purgatório

Graças a Deus ! Pelos menos os protestantes reconhecem que há paraíso e inferno.

Temos chegado a tempos, em que até disso duvida certa gente, para quem o homem não passa de um macaco aperfeiçoado, cuja alma em nada difere da de um cão ! Porém, não devemos estranhar que os protestantes não achem na Bíblia uma palavra sobre o purgatório, visto que tiraram da mesma Bíblia o que julgaram causar-lhe estorvo.

Se não houvessem rejeitado da Bíblia, entre outras coisas, os livros dos Macabeus, leriam neles que « Judas Macabeu mandou fazer um sacrificio pelos mortos piedosa e religiosamente pensando na ressurreição . . . e que, portanto, era santo e saudável pensamento orar pelos defuntos para que lhe fossem perdoados os peccados » (II Macab., 12, 43 e 46). Mas, como os protestan-

tes, apesar de protestarem contra a tradição, descobrem na mesma tradição (com uma estupenda lógica!) que os livros dos Macabeus não são canônicos, leiam o Evangelho de S. Mateus e verão que o próprio Jesus Cristo disse: « Há pecados que se não perdoam nem neste século nem no futuro » (isto é, nem neste mundo nem no outro) (S. MAT., 12, 32). Donde se deduz, que os há que se perdoam no outro, isto é que há no outro mundo um lugar de espição, que precisamente não é outra coisa mais que o purgatório. Leiam S. Paulo que, falando da ressurreição final, diz: Para que baptizar-se (isto é, segundo a expressão hebraica), para que padecer ou sacrificar-se pelos mortos, se eles não ressuscitam? Donde se conclui, que os sufrágios pelos defuntos não são inúteis (I Cor., 15, 29). Leiam Job, o qual pede a Deus « que o ampare nos infernos, enquanto não passar a sua indignação » (JOB, 14, 13). Ora, depois, digam-nos onde quer S. Mateus, que se perdoem pecados no outro mundo? Onde quer S. Paulo que estejam os defuntos a quem aproveitarão os sufrágios? Onde quer Job que Deus o tenha, enquanto não passar a sua indignação?

No céu? Claro está que não, porque aí não pode haver pecados que hajam de ser perdoados, nem necessidade de sufrágios para os que já gozam, nem possibilidade de indignação de Deus contra seus escolhidos. No inferno, ainda menos, porque lá, segundo a mesma Bíblia, a pena é eterna: nele, há horror sempiterno (JOB, 10, 22): logo, é evidente que existe o purgatório. O purgatório, digo, que os protestantes não encontram na Bíblia! Muito miopes devem ser esses incansáveis leitores da Bíblia que a não compreendem.

**XIV. — Porém a supremacia do Papa,
essa com certeza não a encontram
os católicos na Bíblia!**

Chegámos, afinal, à grande questão. O Papa! Eis o fatal pesadelo dos protestantes. E, sem embargo, nada mais bíblico do que esse dogma. Primeiramente, ou Cristo fundou uma Igreja, que havia de ser perpétua, ou não. Se a verdadeira Igreja não havia de ser perpétua, como disse que estaria connosco até à consumação dos séculos? (S. MAT., 28, 20). E, se devia sê-lo, como podia estar, senão apoiada sobre o apóstolo, a quem disse Cristo: « Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja »? (S. MAT., 16, 18). Sabido é que Pedro morreu na perseguição de Nero: logo, ou a verdadeira Igreja acabou com ele, porque lhe faltou o fundamento, e isto seria contra o primeiro texto citado, ou o privilégio de ser pedra fundamental da Igreja passou de Pedro aos seus sucessores, e então está fora de dúvida a supremacia do Papa.

Com este raciocínio, fundado na Bíblia, é fácil ver que a Pedro e a seus sucessores, e não somente a Pedro pessoalmente, se referem outros muitos testemunhos evangélicos, que provam a supremacia do Papa. A todos os apóstolos, havia dito Jesus Cristo: « Ide e ensinai » (S. MAT., 28, 19); mas só a Pedro disse: « Confirma teus irmãos » (S. LUC., 22, 32), « Amas-me tu mais que estes? Apascenta, pois, minhas ovelhas e meus cordeiros » (S. JOÃO, 21, 15-17), « Entregar-te-ei as chaves do reino do céu » (S. MAT., 16, 19).

Portanto, se a verdadeira Igreja não acabou para sempre com a morte de S. Pedro, cegos devem ser os protestantes, se não vêem a supremacia do Papa, con-

signada claramente nessa Bíblia, que tanto afã lhes causa e que tanto apregoam, sem dar-se ao trabalho de ver o que ela diz.

**XV. — O fanatismo dos católicos pelo seu Papa
fê-los inventar o novo dogma da infalibilidade**

Não existe tal dogma novo. O concílio do Vaticano não inventou dogma algum: nada mais fez do que declarar que uma verdade, a qual tinha sido sempre acreditada pela verdadeira Igreja, não podia deixar de ser certa, e portanto dogmática, muito mais porque essa verdade se fundava precisamente na Bíblia. Os católicos crêem que Jesus Cristo não podia enganá-los. Ora como o mesmo Jesus Cristo disse a S. Pedro: — «Roguei por ti, para que tua fé não desfalesça» (S. LUC., 22, 32), «confirma a teus irmãos» na fé (*Ibid.*), sabem que Jesus Cristo, como Deus que é, não podia deixar de ser ouvido por seu Eterno Pai, e que portanto era impossível que S. Pedro, assim confirmado na fé, errasse nela. Sabem mais que a verdadeira Igreja havia de ser perpétua, porque o mesmo Senhor disse: «Eu estarei convosco até à consumação dos séculos» (S. MAT., 28, 20) e, portanto, esse privilégio alcançado para S. Pedro devia transmitir-se a seus sucessores. Por isso, os católicos *sempre* acataram as decisões dos Papas, em matéria de *fé e moral* cristãs, como oráculos infalíveis: aos que se têm apartado do ensino dos Papas, *sempre* os católicos os tiveram na conta de herejes. O dogma da *infalibilidade pontifícia* não é, pois, um *dogma novo*; é a crença católica, desde o princípio da Igreja, fundada na Bíblia: «Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei

a minha Igreja. E as portas do Inferno não prevalecerão contra ela » (S. MAT., 16, 18).

**XVI. — O Papa não deixa de ser homem ;
logo, pode pecar como outro qualquer,
e muitos Papas foram viciosos**

E quem disse que o Papa não é homem ? Nós os católicos por certo que não, ainda quando os protestantes lhe tenham chamado a Besta do Apocalipse.

Sabemos muito bem que o Papa pode pecar como homem, e até queremos conceder (salvas as apologias que a crítica imparcial nos oferece, pois muito do que se disse e escreveu contra vários Papas, não passa de calúnias imundas e necedades ridículas ou indignas) que tenha havido algum Papa que, uma ou outra vez na vida, tenha mostrado ser filho de geração corrupta.

Porém, uma coisa é que os Papas possam pecar, e outra que Deus possa permitir que a verdadeira Igreja seja enganada por eles, no que diz respeito à fé e moral cristãs.

Se isto fosse possível, seria falsa a promessa de Jesus Cristo : « Eu estarei convosco até à consumação dos séculos » (S. MAT., 28, 20), e as outras palavras do mesmo Redentor : « Roguei por ti, para que tua fé não desfaleça ; confirma a teus irmãos » (S. LUC., 22, 32).

**XVII. — Não obstante, é certo que o Papa
se engana e se tem enganado, muitas vezes**

Muitas e muitíssimas. Até podemos dizer que se pode enganar em toda a sorte de coisas, *menos em duas só*, a saber, no que diz respeito à FÉ e à MORAL,

quando ensina como chefe da Igreja, porque isto repugnaria à Bíblia, que já citámos (S. MAT., 28, 20), ainda que pese aos protestantes.

XVIII. — O Papa enganou-se em matéria de fé, definindo, nestes últimos tempos, a Imaculada Conceição e a Assunção de Maria, doutrinas contrárias à Bíblia

Os Papas, definindo estas verdades, não ensinaram dogmas novos: nada mais fizeram do que declarar que era esta a crença de toda a Igreja Católica, desde a sua fundação até nossos dias, e que, portanto, sendo a verdadeira Igreja necessariamente infalível, essa crença era dogmática. E a Igreja Católica sempre manteve tal crença, por isso mesmo que se fundava na Bíblia.

As profecias que falam da Mãe do Messias futuro, designam-na como isenta de toda a mancha de pecado. Isto se vê, principalmente, no Cântico dos Cânticos, onde se lê: « Toda és formosa e em ti não há mancha » (Cant., 4, 7).

Mas, se os protestantes se acham embaraçados com a interpretação das profecias, se não querem ler, com S. Jerónimo, no Génesis, « Ela te esmagará a cabeça » (Gén., 3, 15), na ameaça feita por Deus à serpente, que era o demónio, leiam, ao menos, o Evangelho, e digam-nos como podia o Anjo chamar a Maria « cheia de graça » (S. LUC., 1, 28), se houvesse um único momento em sua existência, durante o qual estivesse sujeita ao pecado. Assim, ainda que alguns escritores católicos tenham tido opinião distinta, sujeitaram-na sempre ao que a Igreja houvesse por bem

definir sobre este ponto. E a verdade é que, desde os tempos dos primeiros Padres da Igreja, o dogma da Imaculada Conceição parece implícito nos melhores escritos sobre a santidade da Santíssima Virgem.

O mesmo se diga do dogma da Assunção de Maria, implicitamente contido naqueles textos, conforme foram sempre explicados pelos Santos Padres e Doutores da Igreja. E esta verdade foi também crida por todos os fiéis desde tempos remotíssimos, pelo que levantaram inúmeras igrejas consagradas a este mistério da vida de Nossa Senhora.

Por isso, foi declarada pela Igreja a universalidade ou catolicidade destas crenças, e as opiniões discordantes, pelas circunstâncias que as explicam, em nada se opõem à aceitação destes dogmas por todos os fiéis.

Claro está que os protestantes não gostam de nada disto; nem admira: pela sua parte o demónio também não simpatizou, nem pouco nem muito, com a glorificação daquela cujo « pé, debalde tentaria morder » (Gén., 3, 15).

XIX. — As indulgências foram outro abuso simoníaco, introduzido pelos Papas

Os protestantes, falando de indulgências, mostram que não sabem o que elas são. Pode ou não, a Igreja perdoar a culpa e pena eterna?

Claro está que sim, porque o diz a Bíblia, pois a S. Pedro foi dado o poder de — « atar e desatar » (S. MAT., 18, 18): logo, pode também perdoar a pena temporal, pois quem pode o *mais* pode o *menos*. Neste caso, a Igreja tem indubitavelmente o direito de perdoar essa pena temporal, no *todo* ou só em *parte*,

e isto depende das condições que bem lhe pareçam, como uma oração, um jejum, ou uma esmola, que ela imponha. As indulgências, que tanto irritam os nervos dos protestantes, são isto e não outra coisa. Que dúvidas poderão eles ter, logicamente, sobre a oração ou o jejum, pelos quais a Igreja concede uma indulgência?

Nenhuma, porque os mesmos protestantes admitem que são obras boas.

O que lhes desagrada são as esmolas; não nos devemos espantar, porque até Judas Iscariote se scandalizou do gasto que Madalena fizera com o bálsamo, que derramou sobre o Salvador (S. MARC., 14, 5), « porque valia mais de trezentos dinheiros ».

Escandalizam-se, principalmente, de que a Igreja conceda indulgências aos que fazem alguma esmola em favor do culto, e não podem tragar a da bula da Santa Cruzada, ou os Indultos pontifícios, etc. Mas entendamo-nos: compreendem os protestantes o que é tudo isso?

Inteiraram-se já do que entendem os católicos por *comprar a bula*? Saibam que essa expressão vulgar é inexacta, e que os católicos não compram bula alguma. Contribuem, voluntariamente, com uma esmola, que a Igreja determina, em favor do culto, ou duma obra pia; e em virtude desta boa obra, a mesma Igreja lhes concede algumas graças e favores, como são o perdão da pena temporal a que estavam sujeitos por suas culpas, usando para com eles de indulgência; a dispensação de alguma outra obra a que estariam obrigados por suas leis, como por exemplo a abstinência de carnes em certos dias determinados, etc. Que há, nisto, de inconveniente? Não leram nunca na Bíblia aquele preceito: « Resgata teus pecados, por meio de

tuas esmolas » ? (DAN., 4, 24). Reparém no capítulo que citamos, porque sabemos muito bem que alguns hereges tiraram da Bíblia dois capítulos de Daniel, mas esses foram o 13 e o 14. Julgarão os protestantes que a esmola só pode ser feita aos pobres, e que a Deus não é agradável a dedicada ao esplendor do seu culto ? Se se dessem ao trabalho de ler a Bíblia, veriam que Deus repreendeu o povo de Israel, porque « habitando em ricos palácios, se descuidava do seu templo » (AGEU, 1, 4), indicando-lhe que « trouxesse madeiras e lhe edificasse o seu templo, porque assim seria glorificado » (*Ibid.*, 8). Mas é inútil falar-lhes disto. Os protestantes têm seus fundos nas sociedades bíblicas para imprimir Bíblias mutiladas, e distribuí-las a torto e a direito, e ... isto lhes basta.

Ide agora fazer-lhes compreender, o que seja *comprar a bula*, se eles só sabem vender Bíblias !

XX.— Os Papas inventaram ritos desconhecidos na Bíblia, como o de ungir os enfermos

Temos outra ! Desconhecida na Bíblia, a Extrema-Unção ? Terão, porventura, olhos os protestantes ? Se os têm, abram-os e leiam S. Tiago Apóstolo : « Algum de vós cai enfermo ? ... Chame os presbíteros da Igreja que oram por ele, e o *ungirão com óleo* ; a oração da Igreja salvará o enfermo e, se estiver em pecado, ser-lhe-á perdoado » (S. TIAG., 5, 14). Não foram, pois, os Papas que inventaram a Extrema-Unção. Os apóstolos a mandaram como um preceito divino. E sendo um sinal sensível, capaz de produzir graça, é por conseguinte um sacramento, instituído por Nosso Senhor Jesus Cristo.

**XXI. — O clero católico faz negócio,
ganhando bom dinheiro nas missas,
baptismos, enterros, etc.**

Se os padres católicos tivessem à sua disposição os pingues cofres das sociedades bíblicas, não necessitariam de nada disso para viver. Contudo, se recebem esses emolumentos, tem direito a fazê-lo, porque a Bíblia diz claramente : « Não sabeis que os que trabalham no Santuário, do santuário comem ; e os que servem ao altar, do altar se devem alimentar ? Assim Deus ordenou que os pregadores do Evangelho vivam do Evangelho » (I Cor., 9, 14). Porém, aqui se manifesta a boa fé desses « pastores », que dizem, que não tosquiavam, como nós as ovelhas. Se os sacerdotes católicos recebem estipêndio por seu ministério, gritam : « Simonia, simonia » ! E, enquanto aos frades, que por seu voto de pobreza não recebem ou não pedem emolumentos, acusam-nos por causa de suas « riquezas fabulosas » ! E eles ? Oh ! eles não, quer recebam as rendas dos bons benefícios anglicanos, entre os quais o vigário mais pobre tem rendimento superior ao que tinha antigamente um arcebispo entre nós, quer vivam a expensas da sociedade bíblica, eles e suas famílias !

**XXII. — Os católicos não podem negar que
o seu clero é altamente escandaloso e imo-
ral, por causa da lei bárbara do celibato**

Começaremos por conceder que, efectivamente, há sacerdotes católicos, que são o que não deviam ser ; mas isto não deve admirar, porque são homens,

e entre os mesmos apóstolos houve um Judas. Mas notem os protestantes e *companhia*, duas coisas: A primeira, que os poucos sacerdotes católicos, que passam aos protestantes, são sempre desses, isto é, dos mais imorais.

Não nos apontarão, jámais, um sacerdote católico, honesto e virtuoso, que se tenha feito protestante, porque os sacerdotes honestos e virtuosos não lhes dá o prurido de se casarem.

Lutero, *frade apóstata*, fez-se protestante, para casar com *uma freira sacrílega*.

A segunda, que, se se contassem os escandalosos entre as pessoas não celibatárias, o número destes não seria (ainda mesmo proporcionalmente) inferior aos dos celibatários.

Quem alimenta, nos grandes povoados, a hedionda chaga da pública prostituição? Por certo que não são os sacerdotes católicos.

Enquanto ao chamar bárbara a lei do celibato eclesiástico, chamem os protestantes bárbara à Bíblia que o aconselha, até aos simples fiéis, quando diz: « O que casa sua donzela, faz bem; mas o que a não casa, faz melhor » (I Cor., 7, 38). Não desejava S. Paulo que as pessoas solteiras vivessem como ele? (I Cor., 7, 8). Quanto mais os sacerdotes... Dizem que S. Pedro era casado: a esse respeito, pode haver dúvida. Pela Bíblia, consta-nos só que o fôra, pois tinha sogra (S. LUC., 4, 38); podia muito bem ser viúvo. Mas isto que provaria? Que a lei do celibato é meramente disciplinar. Isso já o sabíamos; mas é uma disciplina estabelecida pela Igreja e em harmonia com os conselhos de S. Paulo, consignados na Bíblia, pois, falando do matrimónio, com certeza falava aos que se con-

servassem virgens como ele (I Cor., 7, 6 e 7). E muito mais conforme é tal disciplina com o conselho de N. Senhor Jesus Cristo, quando disse que « há homens que a si próprios se fizeram eunucos por causa do reino dos céus » (S. MAT., 19, 12), ajuntando que « quem pode compreender, compreenda ». Mas acabemos! Querem os protestantes, seus pastores casados? Que lhes faça muito bom proveito! Nós os católicos não queremos sacerdotes casados, para que, livres dos cuidados do mundo, melhor se possam dar às coisas de Deus, e até porque entre marido e mulher não há segredos. Nós, que temos o sacramento da Confissão, não sabemos como nossos segredos estariam seguros, quando passassem da boca do confessor aos ouvidos de sua esposa. Ninguém é forçado a ordenar-se, e na idade, em que se recebe o sacerdócio quem o recebe, deve conhecer as aptidões físicas e morais de que dispõe. Quem aceita livremente um compromisso, deve ter a dignidade de o satisfazer, aliás não se compromete.

**XXIII. — Mais bárbara e mais prejudicial
à sociedade é a instituição
da profissão religiosa**

Se a profissão religiosa é coisa bárbara e prejudicial à sociedade, queixem-se os protestantes a Jesus Cristo, porque foi ele quem a aconselhou, segundo lemos na Bíblia: « *Se queres ser perfeito, vai, vende o que tens, vem e segue-me* » (S. MAT., 19, 21). « *O que deixa casas, irmãos, irmãs, pai ou mãe, mulher ou filhos, ou campos, por amor de meu nome, receberá o cêntuplo e possuirá a vida eterna* » (Ibid., 29).

Se os protestantes não gostam disto, tenham paciência.

XXIV. — Não é necessário nada disto, para nos salvarmos: basta crer e ser baptizado

Se se entender por isto, que, em tese geral, não é necessário ser *frade* ou *freira* para se salvar, estamos de acordo: ainda que, nos casos particulares, diz a Bíblia que cada um está obrigado a *seguir sua vocação* (I Cor., 7, 20).

Mas, se os protestantes julgam que, para alguém se salvar, basta crer, sem necessidade de praticar boas obras, isso é disparate grande, porque seria abrir a porta do céu a toda a classe de *malandros*. E a Bíblia diz que *nem os fornicadores, nem os que adoram idolos* (por exemplo, ao deus dinheiro), *nem os adúlteros, nem os libertinos, nem os sodomitas, nem os ladrões, nem os avaros, nem os ébrios, nem os murmuradores, nem os raptos possuirão o reino do céu* (I Cor., 6, 7 e 10). O texto de S. Marcos (S. MARC., 16, 16), que os protestantes costumam citar, para deitar pó aos olhos do nosso simples e ingénuo povo, e fazer-lhe acreditar o seu erro, prova muito bem o contrário do que eles ensinam. Senão vejamos.

O santo evangelista disse que para salvar-se era necessário crer: *O que crer e for baptizado salvar-se-á* (*Ibid.*). Mas, como crêem os protestantes? Em primeiro lugar, a *fé sem obras é morta*, disse S. Tiago (S. TIAG., 2, 17). Em segundo lugar, a verdadeira fé é una e indivisível: quem nega algumas das verdades, já peca contra a fé, já não crê tudo o que deve crer. As verdades reveladas (segundo os mesmos pro-

testantes) estão todas na Bíblia ; ora, se eles rejeitam alguma das verdades bíblicas, evidentemente não crêem tudo o que devem crer.

Temos mostrado que todas as verdades católicas, negadas pelos protestantes, se fundam na Bíblia ; logo, é claro que não crêem o que devem crer. Estupenda lógica ! A serem coerentes, os protestantes acabarão por *protestar* contra a sua própria doutrina.

XXV. — Os católicos são uns intolerantes.

**Em todas as religiões, é possível a salvação.
Não querer a liberdade de cultos é não ter caridade**

Os católicos são intolerantes para com o erro e falsidade ? É certo que o são, e não podem deixar de o ser, porque a luz é incompatível com as trevas, a saúde é inconciliável com a enfermidade. Uma coisa não pode ser e não ser, ao mesmo tempo.

Não obstante, os católicos são tolerantes, tolerantíssimos, e pedem a Deus, todos os dias, pelos pobres protestantes, do mesmo modo que os são procuram aliviar os enfermos, tendo compaixão deles e, de maneira alguma, ódio. Mas uma coisa é desejar o *bem*, o *verdadeiro bem*, aos que estão no *erro* e seguem a *falsidade*, e outra opor-se a que os protestantes façam propaganda de seus *erros* e *falsidades*, enganando o ingénuo e singelo povo com sofismas.

Semelhante coisa seria pretender, que o erro tivesse os mesmos direitos que a verdade. Seria funesto o abolirem-se certos hospitais, para não obstar a que algumas doenças infecciosas se propagassem.

Os católicos não podem, de maneira alguma, conceder direitos à falsidade ; sabem perfeitamente

que Jesus Cristo disse : « *Quem não está comigo, está contra mim* » (S. LUC., 11, 23) ; sabem muito bem, pela mesma Bíblia, a maldição que pesa sobre os que *escandalizam os pequenos* (S. MAT., 18, 6). Por isso não podem tolerar que os protestantes ensinem suas mentiras ao povo, e estabeleçam escolas ensinando suas heresias às inocentes crianças dum país católico. Tal tolerância, longe de ser uma obra de caridade, seria um delito.

Pretender que todas as religiões sejam boas, importa, nada mais nada menos, um absurdo, uma injúria contra Deus, como se a Ele fosse indiferente o acreditar-se em tudo o que nos revelou, ou nas loucuras que os homens têm inventado contra sua infinita verdade. *A verdade* não pode ser mais que *uma* ; as falsidades são sempre *muitas*.

Terminemos, pois. *Protestem* os protestantes contra o que lhes parecer. Nós católicos protestamos contra as injúrias que fazem a Deus, à Bíblia, e ao senso comum. Deus lhes abra os olhos, e os converta, preservando o nosso povo de seus enganos. Por eles ora a Santa Igreja ; por eles oraremos também nós. Mas, orando, não devemos deixar de ilustrar o nosso espírito, para em verdade e santidade conhecermos, louvarmos e servirmos a Deus Pai, Filho e Espírito Santo, na Santa Igreja Católica, Apostólica, Romana, que é a única instituída pelo Redentor e Salvador do mundo, Nosso Senhor Jesus Cristo.

I N D I C E

| | Págs. |
|---|-------|
| I. Contra que coisa protestam os protestantes ? | 3 |
| II. Se a Bíblia é um livro inspirado e divino, porque proíbem os católicos se leia a Bíblia ? . | 3 |
| III. Os livros que os protestantes tiram à Bíblia não eram canónicos | 4 |
| IV. Os protestantes protestam contra as doutrinas católicas que se não acham na Bíblia | 5 |
| V. Na Bíblia não se fala de confissão sacramental | 5 |
| VI. Os protestantes não se confessam aos homens, mas confessam-se a Deus | 6 |
| VII. Pelo menos, não acharam os católicos na Bíblia a doutrina da presença real de Jesus Cristo na Eucaristia | 7 |
| VIII. Foram os Papas, os que inventaram a missa ? | 10 |
| IX. Onde tiram os católicos, na Bíblia, que o matrimónio não é dissolúvel à vontade dos contraentes ? | 12 |
| X. E não será idolatria, proibida pela Bíblia, a dos católicos adorarem os Santos e a Mãe de Jesus ? | 13 |
| XI. Mas não será idolatria venerar as relíquias dos Santos ? | 14 |
| XII. E não está expressamente proibido por Deus, na Bíblia, o fazer estátuas e venerá-las ? . | 14 |
| XIII. A Bíblia fala do paraíso e do inferno, mas não fala do purgatório | 15 |
| XIV. Porém a supremacia do Papa, essa com certeza não a encontram os católicos na Bíblia . . | 17 |

| | Págs. |
|---|-------|
| XV. O fanatismo dos católicos pelo seu Papa fê-los inventar o novo dogma da infalibilidade . . . | 18 |
| XVI. O Papa não deixa de ser homem ; logo, pode pecar como outro qualquer, e muitos Papas foram viciosos | 19 |
| XVII. Não obstante, é certo que o Papa se engana e se tem enganado, muitas vezes | 19 |
| XVIII. O Papa enganou-se em matéria de fé, definindo, nestes últimos tempos, a Imaculada Conceição e Assunção de Maria, doutrina contrária à Bíblia | 20 |
| XIX. As indulgências foram outro abuso simoníaco, introduzido pelos Papas | 21 |
| XX. Os Papas inventaram ritos desconhecidos na Bíblia, como o de ungir os enfermos | 23 |
| XXI. O clero católico faz negócio, ganhando bom dinheiro nas missas, baptismos, enterros, etc. | 24 |
| XXII. Os católicos não podem negar que o seu clero é altamente escandaloso e imoral, por causa da lei bárbara do celibato | 24 |
| XXIII. Mais bárbara e mais prejudicial à sociedade, é a instituição da profissão religiosa | 26 |
| XXIV. Não é necessário nada disto para nos salvarmos : basta crer e ser baptizado | 27 |
| XXV. Os católicos são uns intolerantes. Em todas as religiões, é possível a salvação. Não querer a liberdade de cultos, é não ter caridade | 28 |

REVISTA BROTERIA

Uma das mais notáveis revistas mensais portuguesas. Não a deve deixar de ler nenhuma pessoa católica ilustrada.

Variada colaboração sobre os mais diversos problemas actuais. 120 páginas, pelo menos, em cada fascículo, abundantes informações críticas sobre o movimento literário e científico nacional e estrangeiro.

Peça um número-prospecto à REVISTA BROTERIA. Caixa Postal 364, Lisboa, no qual poderá ver, na 3.^a página da capa, as condições de assinatura.